
CONCLUSÃO

Pesquisar o léxico do seringueiro do Vale do Rio Acre fez aflorar um mundo totalmente novo, que até então estava adormecido e fazia parte apenas do mundo da imaginação, apesar de ter nascido na capital do estado. Com esse trabalho foi possível desvendar realidades totalmente novas, uma das quais foi conhecer um pouco da vida no meio da selva, a paz e a harmonia entre o homem e a natureza, sendo que esta oferece ao homem o básico para a sua sobrevivência e a ele cabe o papel de enfrentar bravamente a batalha para poder sobreviver nesse meio.

O seringueiro tem um modo de vida próprio no meio das matas e, sendo ele um ser pensante, procura criar palavras para denominar as coisas concretas que o rodeiam e de que necessita para auxiliá-lo em seu trabalho ou em sua vida cotidiana. No entanto, a amplitude da vasta imensidão das matas restringe o seu universo de criação lexical, que muitas vezes segue o processo de derivação por comparação ou semelhança com as coisas concretas que estão à sua volta; outras vezes o princípio da denominação segue a representação imaginativa.

Com esse estudo ficou patente o caráter concreto do vocabulário do homem rude dos seringais. Em sua luta pela vida, não há espaço para abstrações. A concretude do mundo que o cerca lhe inspira as denominações tanto dos objetos que usa, como das ações que deve praticar.

Procurou-se, ao longo desse trabalho, registrar e documentar vocábulos que fossem representativos do léxico do seringueiro do Vale do Rio Acre, pois a língua, segundo A. Darmesteter, está em constante evolução e nela concorrem sempre duas forças opostas: uma que determina a conservação de termos clássicos do idioma e outra que motiva, no nível lexical, a criação de novos termos, e por estar o processo de produção da borracha passando por diversos experimentos, para que sejam encontradas formas que auxiliem o seringueiro e diminuam seu esforço nesse trabalho, surgem novas técnicas, em detrimento disto, novas palavras surgem para designar os objetos e coisas, ao passo que outras caem em desuso, chegando às vezes ao esquecimento do objeto usado e da palavra que o designa, pois o aprendizado da língua não é igual para todos. Esse fato dificulta às futuras gerações o conhecimento desses vocábulos. Durante o desenvolvimento desse estudo, foi possível observar que comparando as faixas etárias o surgimento e ou desaparecimento de palavras foi bastante claro, pois palavras que faziam parte do cotidiano do seringueiro, algumas décadas atrás, já não são correntes no vocabulário dos mais jovens. Somente os informantes mais idosos conhecem determinadas expressões. A título de exemplo, a palavra *aviação* foi substituída pelas expressões *feira* ou *fazer o mercado*. Na tentativa de salvar e mostrar a história dessas palavras é que se desenvolveu este trabalho; visto que a língua é a representação em miniatura de toda a cultura, sabe-se que essa foi uma pequena contribuição para o estudo do léxico, pois ainda há um longo caminho a ser percorrido e explorado, já que o presente estudo ficou restrito ao vocabulário, poder-se-ia dizer, “técnico”, das atividades específicas do seringueiro do Vale do Rio Acre.

Por outro lado, do ponto de vista diacrônico, comprovou-se que as tendências internas, próprias da língua portuguesa, continuam presentes. Cumpre destacar algumas apenas para exemplificar, como a redução do ditongo /-ei-/ > /-e-/ em *marretero*, *seringueiro*, *toquero*, *maíero*, *panero*, etc.; a redução de /-ndo/ > /-no/ em *ditocano*, *falano*, *dispejano*, *quebrano*. Notável é ainda a redução, na região, do sufixo diminutivo *-inho* > *-im*, como em *fininho* > *finim*, *pauzinho* > *pauzim*, *feijãozinho* > *feijãozim*, *direitinho* > *direitim*. A apócope do *-l-M* e do /-r/ é uma constante em todas as palavras: *favorave*, *anima*, *lugá*, *dispejá*, *quebra*, *cuiê*, em que é clara também a despalatalização, também constante, do /-lh-/ > /-i-/ (*trabaiá*, *fornaia*, *gaio*, *quaiada* (<*coalhada*), *foia*), fenômeno, aliás, panromânico, como cast. *hoja*, fr. *feuille*, log. *foya*, rom. *foaie*.

Estando as tendências internas da língua portuguesa vivas é possível explicar formas usadas na linguagem do seringueiro, embora muitas delas remontem

a raízes latinas e, frequentemente, panromânicas, como ficou assinalado nos respectivos tópicos.

Por outro lado, ponderável foi o número de empréstimos léxicos fornecidos pelo castelhano dos países limítrofes, fato, aliás, esperado, além do enriquecimento lexical com palavras fornecidas pelas línguas indígenas, principalmente as de origem tupi, tronco linguístico que mais contribuiu para a raiz da formação da língua nacional, a presença marcante de palavras de origem tupi deve-se ao motivo de ter sido a mão de obra dos seringais basicamente nordestina, no entanto algumas palavras indígenas, ao longo da corrente migratória adquiriram aceção específica naquela região.

Ressalte-se ainda a validade dos métodos onomasiológico e *Wörter und Sachen*, que se mostraram eficientes na elaboração deste trabalho. Apontaram os caminhos seguidos na denominação dos objetos, revelando a visão do mundo dos falantes, sobretudo no que se refere aos objetos específicos da região estudada.

